

Na linha de frente da MPB

TÁRIK DE SOUZA

“A geração da gente/ não teve muita chance/ de se afirmar, de ar-rasar, de ser feliz/ sem nada pela frente, pintou aquele lance/ de se mudar, de se mandar desse país”. (*Não vou sair*, 1989)

Integrante da safra de deserdados da era jabá, o paulista Celso Viáfora

ultrapassou duas décadas de carreira (estrou em disco com *Dia a dia* no 1º Festival Universitário da MPB, em 1979) sem poder influir na corrente principal. Seria mais ou menos como se Wanderley Luxemburgo aprisionasse Ronaldinho Gaúcho no banco de uma seleção formada por Cristians & Betos. De sua lavra, Viáfora estourou apenas *Não vou*

sair, literalmente, no Norte, a partir da gravação do paraense Nilson Chaves. *Hit* nos mercados de Belém, Manaus e Macapá, este hino do exílio interno (no irônico formato de *reggae*) ganhou o circuito dos bares e gravações independentes. Campeão de incontáveis festivais pelo interior, autor de trilhas de peças de teatro, CV chega ao terceiro disco solo, *Cara do Brasil* (RGE, que será lançado hoje no Rio, com show no Canecão) esbanjando domínio de gêneros, ginga e fraseado, na linha de frente de uma MPB silenciada, em tabelinha com craques como Sérgio Santos e Guinga (seu parceiro na faixa *Di menor*).

Não há monotonia ou conformismo tradicionalista no repertório des-

te ex-advogado paulista de 39 anos. Parceiro em sete (das quatorze) faixas do disco do baiano Vicente Barreto (que já dividiu autorias com Alceu Valença e Tom Zé), Viáfora com seu vocal íntimo e bem timbrado manda um *reggae* (*Dona Dadá*) cuja letra irônica exalta o ambiente *hip hop* carioca. Ou louva Sampa num samba de avião em ritmo de bolero. “Nunca foi só de trabalhar/ a minha paulicéia/ não é de sol, não é de mar/ São Paulo são idéias”, defende a letra. O *oriundi* (e autobiográfico) *Nona Vicenza* (“não sou nego, morena, mas eu chego lá/ me arrebeba, maninha, no seu abará”) acasala samba de roda e maxixe, movido a frigideira, garrafa de vinho, prato de louça e batoque de mesa.

O baque do pilão acentua as origens rurais do samba local (“a mão paulista que batuca/ carrega o baque seco do som do pilão/ tá na pancada da madeira socando o café”). Mas em *Auto retrato*, dialético, o compositor exorciza qualquer preconceito. “Tenho a Bahia pelo meu parceiro/ Rio de Janeiro, o Salgueiro é de lá/ o resto é tudo babaquice de bairrista/ eu sou paulista, meu/ e vivo em qualquer lugar”, generaliza. *Di menor* (com primoroso arranjo de sopros de Proveta) destila um *causo* etário tragicômico, na linha do último anúncio da Sukita. *Deslumbramento*, *Doida*, *Tua falta* e *Doente de paixão*, com sotaques musicais diversos, baixam nas UTIs dos amores perdidos. Discípulo dos

melhores mestres, Viáfora retoma em *O guri* o tema de *Meu guri* de Chico Buarque. Seu samba *A benção*, invés de notórios (como no *Samba da benção*, de Baden Powell e Vinicius de Moraes) festeja anônimos: “à benção o que salga o couro do tambor/ à benção o que funde o ferro do agogô”. E a faixa título manifesto ainda tem fôlego (e sincopado) para equilibrar-se entre a esperança e o sarcasmo: “O Brasil é uma foto do Betinho/ ou um vídeo da favela Naval?! são os trens de alegria de Brasília/ ou os trens de subúrbio da Central?” Você, leitor, eleitor, decide. (Cotação: ★★★★★)

COTAÇÕES: ● ruim ★ regular ★★ bom ★★★ ótimo ★★★★★ excelente

cademob@jb.com.br

JORNAL DO BRASIL

B

cademob@jb.com.br

QUARTA-FEIRA, 28 DE JULHO DE 1999